



A marca de nascença do circuito espacial produtivo do leite no Sudoeste do Paraná

La marca de nacimiento del circuito espacial productivo de leche en el Suroeste de Paraná

Valdeir de Oliveira Prestes * 

Resumo

O presente texto objetivou desvendar a gênese e a formação do circuito espacial produtivo do leite no Sudoeste do Paraná, Brasil. Para tanto, a análise foi realizada à luz da categoria de formação socioespacial, que movimenta *ente* as categorias Tempo e Espaço. Buscou-se, especificamente, compreender como germinou e evoluiu a produção de leite na região. A pesquisa envolveu a revisão de bibliografias e documentos do Arquivo Histórico do Paraná, localizado na Biblioteca Pública em Curitiba, em que foram levantadas fontes históricas e arquivos históricos de agentes-chave, desde o governo paranaense até os empresários patronais e não patronais, para a gênese da produção de leite no Sudoeste do Paraná. Nessa circunstância, destaca-se o papel do estado do Paraná que governa na gênese e transformação do circuito espacial produtivo do leite no Sudoeste do Paraná.

Palavras-chave: Sudoeste do Paraná; formação socioespacial; gênese da produção de leite.

Resumen

El presente texto tuvo como objetivo develar la génesis y formación del circuito espacial productivo de leche en el Suroeste de Paraná, Brasil. Para ello, el análisis se realizó a la luz de la categoría de formación socioespacial, que se mueve entre las categorías Tiempo y Espacio. Específicamente, buscamos comprender cómo germinó y evolucionó la producción de leche en la región. La investigación implicó la revisión de bibliografías y documentos del Archivo Histórico de Paraná, ubicado en la Biblioteca Pública de Curitiba, en el que se recogieron fuentes históricas y archivos históricos de agentes claves, desde el gobierno de Paraná hasta empresarios empleadores y no empleadores, para la génesis de la producción de leche en el suroeste de Paraná. En esta circunstancia, se destaca el papel del estado de Paraná, que rige la génesis y transformación del circuito espacial productivo lácteo en el Suroeste de Paraná.

Palabras clave: Suroeste de Paraná; formación socioespacial; génesis de la producción de leche.

* Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. Campinas, SP, Brasil.
E-mail: y289245@dac.unicamp.br

Introdução

A história é sólida e passa por muitas fases, ao levar uma formação antiga ao sepulcro. A última fase de uma formação histórico-mundana é a comédia (Marx, 2008, p.10).

Este artigo tem como objetivo desvendar a gênese e a formação do circuito espacial produtivo do leite no Sudoeste do Paraná. Historicamente, uma atividade secundária no Brasil Colônia, a produção de leite emergiu ao longo do processo da história, destacando-se na região. A análise se baseia na compreensão dos múltiplos fatores da formação socioespacial, esta que apresenta como base os processos históricos, econômicos e sociais que, em conjunto, determinam as funções econômicas e geográficas, atentando-se ao aspecto cultural do Sudoeste do Paraná em relação com o mundo.

Para compreender o surgimento da produção do leite no Sudoeste do Paraná, que se instaurou na circunstância do tempo e espaço, é necessário considerar a dinâmica da população. Assim, torna-se preciso retratar a Geografia da População, além da Demografia, para aprender a formação do circuito espacial produtivo do leite. Isso permite a compreensão mais profunda de como o social articula a base produtiva para a sobrevivência, em conjunto com as relações entre os sujeitos no processo do trabalho no espaço geográfico.

Diante disso, surgem questões fundamentais para a pesquisa, a saber: como se deu o processo de formação do circuito espacial produtivo do leite no Sudoeste do Paraná? De que maneira esse circuito se desenvolveu e evoluiu na região em questão?

Em que pese a importância da justificativa do tema de estudo e o recorte do objeto deste estudo, esta reside-se na escassez de documentos históricos a respeito da gênese do circuito espacial produtivo de leite no Sudoeste do Paraná. Em outras palavras, ao consultar o Arquivo Público¹ e o histórico paranaense da Biblioteca Pública, observou-se que as arqueologias não possuem, ou apresentam limitados estudos técnicos, como o documento intitulado “Estudos Técnico-Econômico do Leite: Subsídios para uma Política no setor para o Estado do Paraná”, de janeiro de 1975, nos acervos sobre o assunto investigado nesta pesquisa (Biblioteca Pública do Paraná, 2023).

¹ O pesquisador entrou em contato com a Seção de Documentação Permanente do Departamento de Arquivo Público do Paraná, por meio de telefonemas e e-mail. Enquanto, em relação ao arquivo paranaense do Acervo da Biblioteca Pública, foi consultado presencialmente entre os dias 18 e 19 de dezembro de 2023.

De forma estrutural, a pesquisa está fragmentada em três grandes partes, além desta introdução que compõem a totalidade do texto. Primeiramente, demonstra-se o processo de formação socioespacial no Sudoeste do Paraná, apresentando as circunstâncias históricas do surgimento da produção de leite na região. Em sequência, pensou-se na gênese do circuito espacial produtivo de leite, tendo como *meio* particular o Sudoeste do Paraná. Em uma reconstituição histórica, demonstra a gênese – o nascimento – do objeto analisado. Por fim, a última seção é destinada às considerações finais, seguidas das referências usadas ao longo do artigo.

Processo da Formação Socioespacial no Sudoeste do Paraná

Conceitualmente, a noção de formação socioespacial² adquire o status de formações históricas e geograficamente localizadas. Segundo Espíndola (2022, p. 698), a categoria de formação socioespacial decorre da ideia de formação econômico-social elaborada por Marx e Engels e sistematizada por Lênin, para compreender o conjunto da história e o desenvolvimento de uma dada sociedade. Didaticamente, a formação socioespacial é uma realidade concreta, que se transforma, evolui e muda historicamente, considerando o espaço geográfico.

O processo de formação das regiões brasileiras apresenta tempos desiguais em comparação com o estado nacional. Contudo, apresentam semelhanças no conteúdo. No Sudoeste do Paraná, singularmente, o território já era ocupado pelos povos Kaingang, antes da história contada da colonização do comércio europeu, como assinalou Wachowicz (2001), em que a narrativa se inicia na pré-história paranaense, quando somente indígenas usufruíram da terra; antes da chegada do “conquistador europeu”.

Apesar das divergências teóricas, há também, no estudo do historiador Martins (1995), no livro “História do Paraná”, que por meio do método da História Regional, busca-se entender o Paraná e as respectivas regiões como estudo de uma comunidade

² A categoria aqui empregada de Formação Socioespacial buscou entender em uma escala regional, atentando que, devido à dificuldade de estabelecer uma única ordem, dialeticamente, a Formação Socioespacial imbrica-se na escala nacional. Teoricamente, nas palavras ditas de Santos (1977), sustenta-se que a formação econômica e social é indissociável da realidade histórico-concreta, geograficamente localizada. Ademais, em sua totalidade social, essa categoria “se coloca inequivocamente no plano da história, que é o da totalidade e da unidade de todas as esferas (estruturais, supra estruturais e outras), da vida social na continuidade e, ao mesmo tempo, na descontinuidade do seu desenvolvimento histórico” (Sereni, 1976, p. 71).

orgânica que se desenvolve mediante o tempo, em organizações sociais que se integram com as conjunturas da história nacional global.

Conforme Silva (2005, p. 32, apud Espíndola, 2022, p. 699), não há como desviar de um critério de diferenciação espacial das formações que não seja a particularidade histórico-genética de constituição das relações sociais dominantes em ambiente social e geográfico dado. Contudo, nas constituições das regiões, são desiguais a totalidade nacional, neste sentido, nasce a problemática da escolha da escala, na qual: “a análise geográfica dos fenômenos requer a consideração da escala em que eles são percebidos” (Castro, 1995, p. 120).

Faz-se necessária a escolha da escala e caracterização da empiria do Sudoeste do Paraná. Segundo o recente Censo Demográfico (IBGE, 2022), possui população de 658.865 habitantes, participando em 6% do total da população do Paraná (11.835.379) e apresentando variação positiva de 11%, quando relacionado ao Censo Demográfico de 2010, em área de 11.652 km². Nesse mesmo ano, a população concentrada na área rural era 30,42 %, enquanto na área urbana, 69,58% (IBGE, 2010). O Mapa 1 apresenta a representação percebida da localização geográfica do Sudoeste do Paraná nas circunstâncias do Brasil e Paraná.

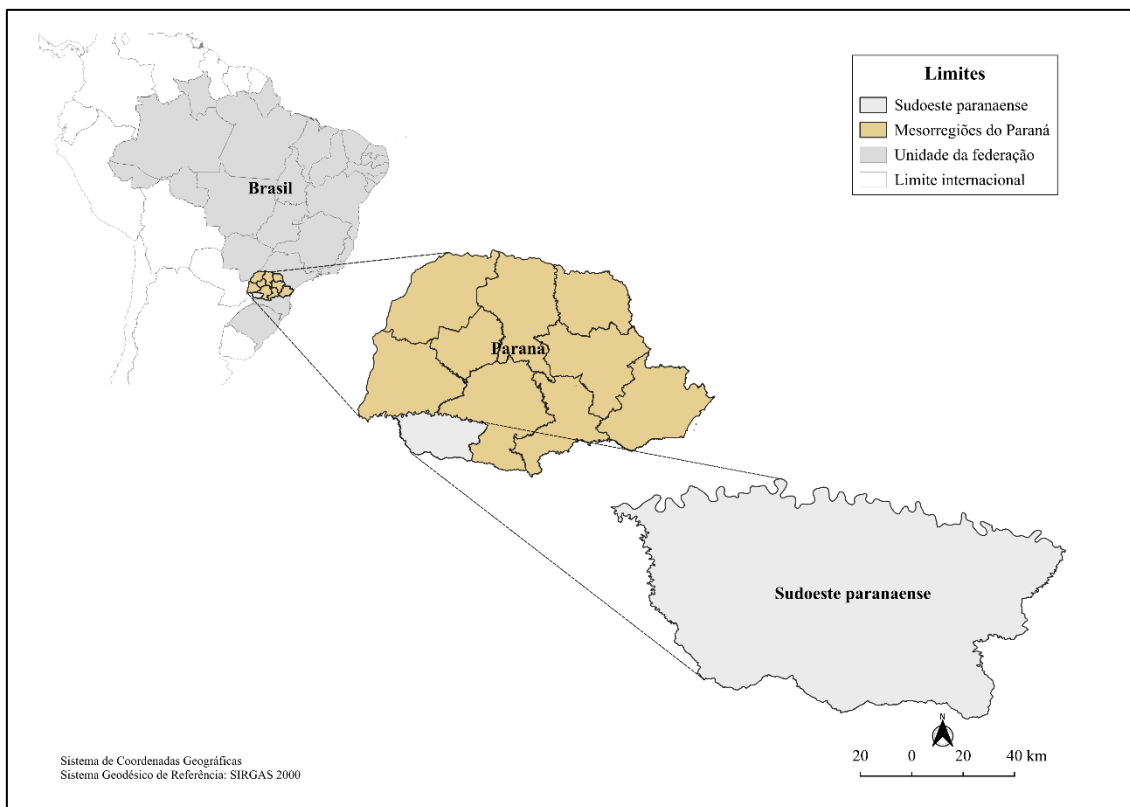
Diante do Mapa 1, no ínterim, pode-se refletir que, além das combinações de relações das diferentes populações étnico-culturais viventes na região (mesmo havendo a predominância de raça – a branca no caso dessa região), há, também, as diferentes formas geográficas, em que se articula um *meio* particular, sendo o caso, aqui, do Sudoeste paranaense, conforme o conteúdo do movimento da população.

Em termos de ocupação, atrelou grande impulso e a efetiva ocupação da região a partir da década de 1940³, com a chegada dos migrantes, agricultores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, assim como de outras regiões tanto do Paraná (Silva, 2008, p. 54; Mondardo, 2011, p. 108), e de outros lugares do território brasileiro. Rizzarda (2018, p. 95) testemunha que, durante o processo de colonização, povoamento e exploração econômica, “houve a formação de uma região como uma forma de colonização luso-

³ Reconstituindo a história, segundo o IBGE (1969), em 1940, o Sudoeste paranaense apresentava densidade demográfica de apenas dois habitantes por quilômetro quadrado, correspondendo a cerca de 23.000 habitantes, 15 vezes inferior à densidade demográfica de 1967. Conforme a mesma fonte, a população foi estimada, em 1967, em cerca de 350.000 habitantes, perfazendo, portanto, densidade média da ordem de 30 habitantes por quilômetros quadrados.

brasileira, que conformou um modelo de exploração da terra em grandes fazendas, originárias da distribuição de sesmarias, que deram origem às antigas propriedades rurais de criação de gado ou de invernagem”.

Mapa 1 - Localização do Sudoeste do Paraná, no território do Brasil e Paraná



Fonte: elaborado pelo autor, com referência no IBGE, Base Cartográfica, 2024.

Com esse efeito da exploração humana, a dinâmica do sentido da ocupação da região, segundo Mondardo (2011), teve três períodos distintos de evolução demográfica por imigrantes. No primeiro período (1900-1940), a mobilidade cabocla ajudou a ocupar a região, mesmo que de forma dispersa e rarefeita, por meio da agricultura de subsistência. No segundo período (1940-1970), a migração gaúcha e catarinense funcionou como motor do processo de interiorização e alargamento da fronteira rural e, no terceiro período (1970-2000), a migração "paranaense" reverteu esse processo, redesenhando a distribuição espacial da população.

Dentre os fatores que implicaram para transformação da sociedade e economia regional, sobressaem nas aparências alguns casos. Por exemplo, o Sudoeste paranaense é sinônimo de nascimento em *meio* a conflitos implicados pela dinâmica do comércio

mercantil, assim como, por outro lado, a luta da permanência do povo na busca pela sobrevivência na Terra. Quando o assunto é a terra, a questão agrária propriamente dita, surgem, no interior do processo, diferentes teses e antíteses, dentre as quais, a última é a dominante – a contradição. Dessa correlação de forças, no campo da experiência, surge uma síntese desse conflito, que resulta nas transformações provocadas pelas revoltas, como o fato da Revolta dos Posseiros, de 1957⁴.

As causas desses conflitos foram introduzidas e promovidos pelas contrárias ações das colonizadoras maquiladoras da extração de matérias-primas no espaço rural do Sudoeste paranaense, que se associam às vantagens econômicas e à valorização da terra, bem como a expropriação da madeira e erva mate (Crema, 2011, p.113). Ademais, afirma-se o argumento, segundo o IBGE (1969):

Através da ação colonizadora oficial Colônia de Bom Retiro, estadual, com sede em Pato Branco, e Colônia Agrícola Nacional General Osório, sediada em Francisco Beltrão e de empresas particulares que, mais parcial que totalmente, colonizaram os municípios de Mariópolis, Vitorino, Renascença, Marmeleiro, Salgado Filho, Barracão, Santo Antônio do Sudoeste, Planalto, Chopinzinho e São Jorge do Oeste. Iniciada timidamente na década de 1920, com a colonização em torno de Pato Branco, a partir de 1945, e sobretudo entre 1950 e 1960, processou-se rapidamente o povoamento da região, de modo que, na metade da década de 1960, apenas poucas áreas restavam a povoar (IBGE, 1969, p. 7).

Entre a transformação de 1950-1970⁵, em concomitância com o momento da aceleração da industrialização brasileira, segundo Paraná (2024):

[...] entre 1971-76, na qual o Paraná foi apresentado como o estado que teve mais conflitos de terra no país, tanto por sua ocorrência (i.e., seu número) quanto por sua violência – ou seja pelos mortos e feridos (SILVA, José da Graziano, 1982 p.104). Uma conjuntura que atingiu também quilombolas, conforme relatos orais e documentais: Varzeão (décadas de 1950 e 1970), Paiol de Telha (1960-1970), Sutil/Santa Cruz (1950) e Serra do Apon (1940). Estes conflitos armados foram simultâneos a fundação e mobilização de sindicatos ocorridos entre 1950-60 na região norte do Paraná, a qual contou, aliás, com expressiva participação de afrodescendentes trabalhadores rurais, como foi o sindicalista José Rodrigues dos Santos (Paraná, 2024, s.d.).

⁴ Segundo Pegoraro (2007), a revolta envolveu a disputa das mesmas terras entre governos estadual e federal, companhia de terras, colonos e posseiros, no Sudoeste do Paraná, resultando em violências, mortes e desentendimentos políticos.

⁵ Além disso, a respeito do Sudoeste do Paraná, segundo Cavalheiro, Almeida e Perondi (2018, p.30), não foi bem um território delimitado nesse período, bem como ainda se apresentavam reduzidos municípios e com produção de subsistência. Nesse momento, as influências econômicas e políticas se concentrava em três poderes regionais nessa região, sendo nos três estados do Sul do Brasil – Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná –, e um no Sudeste, em São Paulo.

Esse ocorrido reflete ativamente nas características presentes do Sudoeste paranaense, uma vez que esta região foi construída por múltiplos fatores externos e internos que a condicionaram, tanto em sua estrutura econômica quanto política, de sentido colonial, a ser o que é hoje – uma continuidade entre passado e presente. Isto é, ao introduzir violentamente o modo de produção capitalista nessa região, é essencial lembrar de que a propriedade da terra também se tornou fator produtivo, assim como o resultado da funcionalização do trabalho sobre ela. Para Martins (2014, p. 30-31),

A palavra ‘terra’, reduzida a mero objeto de cálculo econômico, perde atributos que lhe são culturalmente próprios, base e referência de outras concepções da relação entre o homem e a natureza. ‘Terra’ é uma categoria conceitual cujo empobrecimento etimológico está diretamente referido ao advento da moderna economia fundiária e mesmo ao direito (Martins, 2014, p. 30-31).

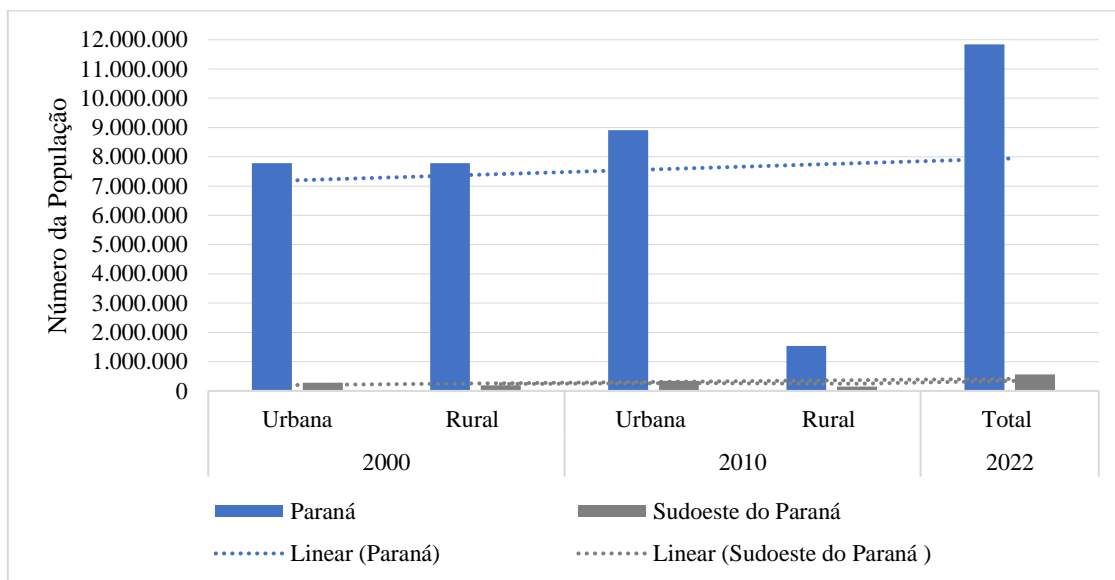
Entre a relação entre o humano e a natureza, na transformação da base social, emergem combinações de práticas agrícolas que foram se formando ao longo dessa história específica. Dentre uma dinâmica, por exemplo, como a produção agrícola regional, em uma *policultura* que inclui produtos como milho, feijão, soja, trigo e fumo, e também a criação de suínos e, logo, o leite (IBGE, 1969). Portanto, aparece o problema da terra e os conflitos derivados da disputa pelo valor de uso para a gênese de determinadas produções de interesse, como no caso da produção intensiva da pecuária leiteira, bem como assentada no ciclo da erva mate e, conseqüentemente, na extração de madeira em origem. De um lado, o capital, e do outro, o ser social, o trabalho em si, mesmo sabendo que a história não se posiciona exclusivamente nessa lógica da dinâmica do capital.

Além do breve momento exposto do processo de colonização, houve, após os anos 1970, interesse político-administrativo pelo e no território brasileiro. O Sudoeste do Paraná sofreu alterações nas funções em relação à divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas, em 1990, no fator geográfico: a mesorregião era entendida como área individualizada, em uma Unidade da Federação que apresenta formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões, enquanto o processo social como determinante, o quadro natural como condicionante e a rede de comunicação e de lugares como elemento de articulação espacial (IBGE, 1990).

Conseqüentemente, a totalidade como resultado desse processo começa a surgir nos anos 2000. Ou seja, quanto à dinâmica acelerada entre o urbano e o rural, mais de 80% dos habitantes estavam no espaço urbano. Nesse momento, como relatado anteriormente, o Sudoeste paranaense iniciou o período com grau de urbanização de apenas 18%,

atingindo 60%, em 2000 (IBGE, 2000, 2010), fato que pode ser visualizado nos números da população rural-urbano no Paraná e Sudoeste do Paraná, explícitos no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Número da População urbano-rural no Paraná e Sudoeste do Paraná entre 2000/2010 e o número total, em 2022



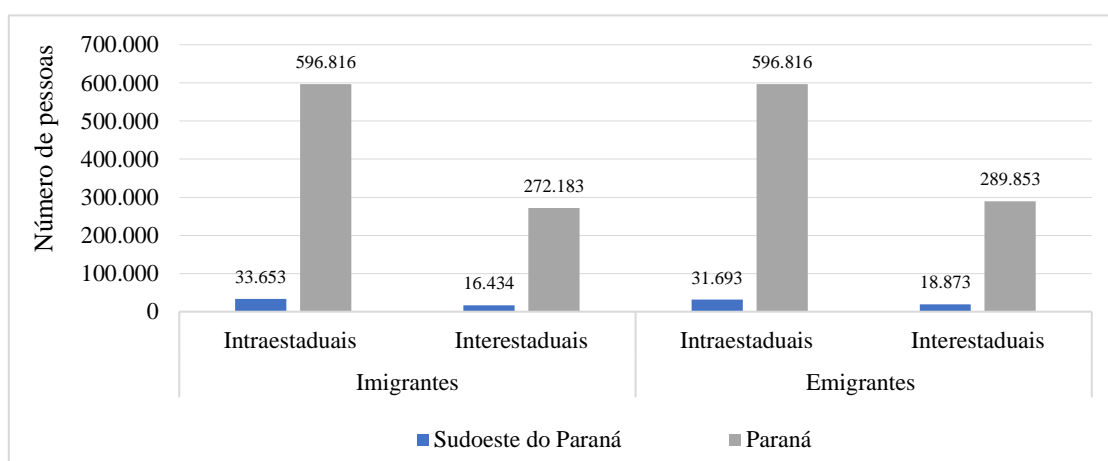
Fonte: elaborado pelo autor, com base no Censo Demográfico – 2000/2010/2020, 2024. Nota 1) População residente (população); grupo de idade (total) e sexo (total). Nota: 2) Prévia da população calculada com base nos resultados do Censo Demográfico 2022, até 25 de dezembro de 2022, realizada pela Diretoria de Pesquisas (DPE) - Coordenação Técnica do Censo Demográfico (CTD).

O processo de migração e urbanização da população no Sudoeste do Paraná juntamente implicou transformações socioespaciais em diversas ordens, como econômica, social e geográfica, sobretudo, em uma relação dialética e intrínseca entre urbano e rural. De acordo com o Gráfico 1, no período de 2000 a 2010, todos os municípios apresentaram o aumento do urbano, quando comparado ao rural, e acréscimo da população total do Paraná, conforme o resultado prévio do Censo Demográfico de 2022. Isso, também, expressa-se em como o circuito espacial do leite foi puxado pela criação do consumo urbano, ou seja, pela elasticidade renda da demanda na região do Sudoeste do Paraná em questão.

Além disso, durante os primeiros anos do século XXI, especificamente entre 2005 e 2010, correu outra (pois, até aquele momento, era vigente a divisão regional brasileira de 1990, como dito) reconfiguração espacial, está mais alinhada ao que conduz à movimentação da população. Conforme a dinâmica intermunicipal de data fixa, de acordo com o Gráfico 2, quando aplicadas as “taxas de trocas líquidas migratórias

interestaduais”, o Estado do Paraná apresentou queda de 17.670 pessoas, em negativo, em 0,18%, na taxa líquida de migração. Ao observar que a taxa líquida migratória resulta do quociente entre as trocas líquidas migratórias de data fixa e a população, observadas no final do período, a região em análise apresentou fluidez na circulação de pessoas. Isso é registrado no processo de imigrantes (entrada) e emigrantes (saída do local de vivência).

Gráfico 2 – Número de Imigrantes e Emigrantes Intra e Interestaduais no Paraná e no Sudoeste do Paraná - 2005/2010



Fonte: elaborado pelo autor, com base no IBGE - Censo Demográfico (2000, 2010 e 2020) e IPARDES, 2024. Notas: (1) O imigrante de data fixa do período 2005/2010 não residia na localidade em estudo em 2005, e sim, em 2010; o emigrante de data fixa informou, na pesquisa censitária, que residia na localidade em estudo, em 2005, mas na data do censo (2010) residia em outro local. 2) Excluímos movimentos intermunicipais de origem mal definida. 3) Excluímos Brasil sem especificação e país estrangeiro. 4) Como não estão incluídos os migrantes internacionais, refere-se ao saldo intranacional.

Pinçando as informações expostas no Gráfico 2, dentre os municípios que compõem o Sudoeste do Paraná, os que seguiram a mesma estrutura do Estado do Paraná foram: Barracão, negativamente, em 4,84%; Bela Vista de Caroba, 6,71%; Boa Esperança do Iguaçu, 1,44%; Capanema, 2,97%; Chopinzinho, 5,39%; Coronel Vivida, 8,36%; Flor da Serra do Sul, 0,85%; Pérola d’Oeste, 6,38%; Planalto, 1,45%; Pranchita, 5,02%; Realeza, 0,11%; Salgado Filho, 9,42%; Salto do Lontra, 5,50%; Santo Antônio do Sudoeste, 3,57%; São João, 1,67%; São Jorge d’Oeste, 4,86%; Sulina, 4,13% e Verê, 5,22%. Os que seguiram o contrário do Estado do Paraná, sobressaindo-se positivamente, foram: Pinhal de São Bento, positivo em, 8,88%, seguido por Cruzeiro do Iguaçu, com positivo em 8,17%, e Nova Esperança do Sudoeste, em 6,11% (IBGE, 2024).

Entre o todo da formação socioespacial do Sudoeste do Paraná, notam-se alguns elementos geográficos, como: pelo demográfico se pode analisar a atual configuração e

caracterização da concentração da densidade demográfica nos municípios do Estado do Paraná, bem como nas mesorregiões recortadas e refletidas no presente. Por exemplo, em termos mesorregional, o Sudoeste do Paraná destaca fixação de pessoas nos municípios de Ampére, Francisco Beltrão, Santo Antônio do Sudoeste, Barracão, Dois Vizinhos e Pato Branco, e também a maior densidade (variando entre 2.215 – 4.516 hab./km²), na capital do Paraná, Curitiba, em 2022.

Conforme o recente Censo Demográfico de 2022 (IBGE, 2024), representa a centralização da população no subespaço habitado dentro de um processo desigual, sobretudo entre os municípios e as regiões que a indústria mais penetrou ao longa da história da expansão e fixação, o que implicou a concentração das populações, bem como densidade técnica e econômica, como no caso da região metropolitana de Curitiba, Sudoeste paranaense e Oeste paranaense, por situação.

Na totalização da evolução entre 2010-2022, apresentam-se mudanças substanciais nas características dos sujeitos humanos que usam desse território. Em resultado, o total da população do Sudoeste paranaense se fixou em 572.169 pessoas, em que a população residente, por sexo, idade e forma de declaração da idade foi de 7,63% entre 30 e 40 anos. Do total da população do Sudoeste do Paraná, no sexo, apresenta-se predominância de idade entre 25 e 29 anos, tanto as mulheres (3,9 do total da população) quanto os homens (4,0% do total da população) (IBGE, 2024). Em segundo lugar, na faixa de idade e sexo, a população que sobressai foi entre 50 e 54 anos (6,46%). As mulheres entre 30 e 34 (3,85%) e os homens como a mesma faixa etária (3,78%) (IBGE, 2024).

Ao considerar a década anterior, ao observar o empírico da amostragem do Censo Demográfico de 2000 (início do século XXI) e 2010⁶, a população praticamente quadruplicou, com o movimento demográfico passando de 557.240, em 2000, para 587.496, em 2010, com variação positiva de 5,43% (IBGE, 2000, 2010). Por outro lado, por sua vez, no que diz respeito à população rural, a força de trabalho empregada no campo resultou na redução de 20,30% nos dez anos seguintes.

Nesses 22 anos de mudanças (2000-2022), tanto o Paraná quanto a mesorregião apresentaram um acréscimo estimado de mais de 40 pontos percentuais no grau de

⁶ Vale frisar que, mesmo o IBGE seguindo uma metodologia de autodeclaração do entrevistado pesquisado, quando aplicada a Pesquisa de Amostra de Domicílio Contínua (PNDAC), há presença de falta de consciência (subjetivo) quanto ao reconhecimento da cor e da raça. Essa observação também foi presenciada quando o pesquisador aplicou a PNADc em domicílios, em 2018-2021.

urbanização. Por outro lado, em permanência, em termos de perfil da população residente na região, em 2010, o Sudoeste do Paraná seguia a mesma característica, quanto à cor e raça, do Paraná. Ou seja, apresenta-se supremacia branca que é predominante em 372.714 habitantes (o que representa 3,57% do total do Paraná, sendo maior que a população preta do Paraná), a preta 9.713 (0,09%), a amarela 2.978 (0,02%), a parda 110.506 (1,06%) e a indígena 1.211 (0,01%). Em 2010, 49,60% dos declarantes eram homens e 50,40%, mulheres, quando comparado ao Censo Demográfico de 2022, manteve-se na casa de 49,33 homens e 50,68 mulheres residentes. No que diz respeito ao sexo declarado, em 2010, 33,70% dos homens viviam na cidade e 15,90%, na zona rural, e 35,88% das mulheres viviam na cidade e 14,53%, na zona rural (IBGE, 2010).

Ainda com a mesma informação, na média do universo dos municípios que compõe o Sudoeste, a população branca se assentou em 69,05%; preta, em 2,15%; amarela, em 0,07%; parda, em 28,53%; e o marcantemente 0,21% ficou a população indígena. Na população branca, o município Planalto (PR) concentra a maior população branca do Sudoeste do Paraná, sendo 82,7%; na população preta, é o município de Pinhal de São Bento – PR, em 3,37%; da população amarela o município de Saudade do Iguaçu – PR, em 0,15%, bem como centrada na cor e raça parda, em 39,06%. Em relação à concentração da população indígena, em 4,52%, apresenta-se no município de Chopinzinho – PR (IBGE, 2024).

Em outras palavras, reflete que, ao decorrer do tempo-espaço⁷, elevou-se o contingencial de urbanização do Sudoeste paranaense, fato acompanhado por redistribuição do espaço geográfico condicionado pelo avanço acelerado da industrialização pós 1970⁸ e a ‘nova’ configuração do tecido social e produtivo que, concomitantemente, o Paraná perpassava junto à história brasileira. Ao longo dos momentos históricos da exploração e ocupação do Sudoeste paranaense, além da produção agropecuária que germinou e nasceu desse processo no espaço geográfico,

⁷ Segundo Silva e Lima (2020) propõe-se o debate do espaço e do tempo como categorias integradas, a fim de demonstrar a indissociabilidade desses conceitos, formando a categoria espaço-tempo para análises geográficas.

⁸ A mesorregião do Sudoeste do Paraná, segunda menos urbanizada do Paraná, teve trajetórias distintas e singulares. Enquanto o Paraná, em 1970, possuía mais de 36% da população vivendo em áreas consideradas urbanas, e, em 2000, mais de 80%, o Sudoeste paranaense iniciou o período com grau de urbanização de apenas 18%, atingindo 60%, em 2010 (IBGE, 2000, 2010).

houve a gênese do circuito espacial produtivo do leite, que passou a se formar e estruturar uma bacia leiteira em destaque na escala do Brasil.

Gênese do circuito espacial produtivo do leite no Sudoeste do Paraná

Assentado no solo do tempo, em 1822, no território do Paraná⁹, os escravos negros eram os pés e as mãos dos fazendeiros de gado (atividade dos tropeiros) e ervateiros (Paraná, 2024). Segundo a mesma fonte, nesse período, a “utilização do trabalho escravo estendeu-se a todos os setores produtivos, desde a mineração à agricultura de subsistência, pecuária, aos afazeres domésticos e diferentes artesanatos e ofícios rurais e urbanos” (Paraná, 2024, p.12)

Conforme Gorender (1992, p. 438), o insofismável é que, por toda parte, embora em grau variável no tempo e no espaço, as fontes históricas demonstram a incidência de características escravistas na pecuária brasileira¹⁰. A penetração da produção de leite *ala* brasileira e, conseqüentemente, a penetração das forças produtivas e as relações de produção no Paraná podem ser observadas na Figura 1.

Figura 1 - Pintura de Debret retratando a mão de obra escrava no leite no Brasil Colônia



Fonte: Millé-Filho, 2019.

⁹ Com base em Padilha, Texca e Cruz (2022), o início da escravidão do Paraná foi por volta de 1646, quando foi descoberto ouro em Paranaguá, cerca de meio século antes da mineração se tornar a principal atividade econômica da Colônia.

¹⁰ Ao realizar trabalho de campo durante o período do mestrado (2022-2024), o pesquisador notou, na paisagem rural, que ainda há a presença de uma divisão racial do trabalho, mesmo existindo diferentes formas de relações de trabalho do passado.

Observada a Figura 1, acrescenta-se que ainda no período colonial do Brasil, além dessa divisão social do trabalho, conforme retrata-se a pintura do francês Jean-Baptiste Debret¹¹ (1768 – 1848), nota-se a divisão racial do trabalho na produção leiteira. No ritmo do trabalho, observa-se que a organização da produção do leite era baseada na força da mão de obra escrava para extração do valor em todo o circuito produtivo, desde a produção (na agricultura com características feudais) até a circulação do leite (transporte manual), como por meio de tarros nas cabeças.

Tempos depois, em 1888¹², marca de ruptura da dinâmica da formação socioespacial brasileira, ao que consubstancia a produção de leite propriamente dita, a pecuária leiteira, com a abolição da escravidão - período que merece grande ênfase, porém não será aprofundado nesse momento -, expandiu-se do Sul¹³ ao Nordeste, sobretudo nos arredores dos grandes centros consumidores. Segundo Netto (2014), com essas condições, a *mão de obra livre* e escrava tiveram papéis fundamentais na formação da sociedade do Paraná, estruturando e consolidando o mercado interno e dando o suporte para o desenvolvimento da região.

Diante desses atravessamentos da história da formação brasileira, em particular na região do Sudoeste do Paraná, combinados a distintos processos históricos, uma estrutura técnico-produtiva originava-se de acordo com as culturas trazidas pelos migrantes, como no caso do município de Castro, no centro-oriental do Estado do Paraná, e o surgimento da primeira cooperativa em Carambeí (1925). Também, em 1911, os primeiros imigrantes holandeses chegaram a Carambeí, como pode ser visto na Figura 2.

¹¹ Segundo Prado (1973) Debret empreendeu, no começo do século dezenove, viagem terrestre do Rio de Janeiro até Santa Catarina, transitando pelos Estados de São Paulo e Paraná. Por exemplo, dessas viagens registra um acervo sobre a história regional e brasileira.

¹² Embora o Sudoeste do Paraná não apresente vestígios de uma produção de leite significativa, é importante destacar como essa produção de leite se organizava na divisão social do trabalho e na divisão territorial do trabalho no Brasil durante o período da abolição, que representou um marco histórico de ruptura na continuidade da formação socioespacial brasileira, pois coincidiu com a transição para a República.

¹³ No caso do Paraná, que se tornara província independente em 1853, apresentava o maior número de negros na Região Sul, o que se relaciona diretamente com a sua dependência de mão de obra escravizada na produção das fazendas de café (Boguszewski, 2007, p 27).

Figura 2 – Imagem do retrato da chegada de famílias holandesas a Carambeí, em 1911



Fonte: Millé-Filho, 2019.

No caso da Carambeí do Paraná, este foi uma colônia fundada por imigrantes holandeses, em 1911¹⁴, pertencente ao município de Castro e por um plano de colonização estabelecido pela *Brazil Railway Company*¹⁵ (Millé-Filho, 2019). Nesse conteúdo, iniciou-se uma das principais colônias de imigrantes holandeses no Brasil que, posteriormente, passou a contar com a distribuição da produção leiteira por meio da Batavo Cooperativa Agroindustrial (Cordeiro, 2006, p. 41), estas implicaram a “gênese” dessa produção no Paraná. Já, em 1916, “[...] havia se instalado os primeiros imigrantes holandeses em Carambeí – PR, em que o leite e os derivados foram a base da colônia holandesa nas primeiras décadas, apesar de os rebanhos serem formados por animais mestiços” (Cordeiro, 2006, p. 125).

Teoricamente, acrescenta-se que, na Geografia da População, de acordo com a mesma autora e por uma abordagem marxista, os humanos se apropriam de outros espaços geográficos e agem sobre eles com a finalidade de garantir a sobrevivência e a existência.

¹⁴ Nesse período da entrada da dinâmica do capitalismo, conjuntamente, foram surgindo infraestruturas para fermentação da divisão territorial do trabalho, e, por isso, foi construída a estrada de ferro entre Itararé (SP) e Santa Maria (RS), com 1.403 quilômetros de extensão, para ligar as províncias de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul pelo interior, o que permitiria a conexão, por ferrovia, do Rio de Janeiro à Argentina e Uruguai (Crema, 2011).

¹⁵ A *Brazil Railway Company* baseava seu empreendimento em três atividades: transporte (que era a atividade principal), a colonização (para atrair pessoas para trabalhar nos empreendimentos e gerar movimentação de capital) e atividade econômica de infraestrutura e/ou de base, como o extrativismo da madeira e serralherias para a venda de dormentes para ferrovia, ou para carvão (Corrêa, 2015).

“[...] Logo, além desses órgãos diretos, são constituídos órgãos sociais sob a forma da sociedade” (Marx, 1983, apud Cordeiro, 2006, p. 121).

Com as transformações vivenciadas a partir dos anos 1950 e, posteriormente, dos anos 1990¹⁶, a nova frente da reestruturação produtiva transbordou em atividades econômicas específicas, como o circuito espacial produtivo do leite, que passou a ser mecanizada em partes e se tornou a principal fonte de renda para os produtores específicos, de modo a somar às políticas do estado brasileiro. Este último, por exemplo, a esfera política paranaense, em 1945, diante desse contexto de modernização do rural do território brasileiro, houve mudanças na reestruturação da esfera parlamentar (Ipardes, 2006).

Ainda no tocante a esse período, houve as transformações que implantaram o “velho” coabitando ao “novo” (o dito tempo moderno) modo de produção e, assim, alterando partes base técnico-produtiva. Nas palavras de Vilela *et al.* (2017), até a década de 1950, a atividade pecuária leiteira se desenvolveu lentamente, sem grandes evoluções tecnológicas. Foi após este período que ocorreram mudanças transformadoras, nas quais a agricultura capitalista brasileira deixou rastros diante dos conflitos, dos antagonismos e das absorções que vinham passando pela dinâmica do mercado capitalista.

No caso de Castro, conhecido como “castrolanda”, em razão da cultura holandesa fixada nessa região, também contou com incentivos políticos por parte do governo paranaense, combinado com implementos de inovações tecnológicas por parte de cooperativas, assim conforme retratado na Figura 3.

A imagem histórica pode ser visualizada por duas facetas, por um lado, a influência política do Governador Requião (1991-1994)¹⁷, do PMDB, que se apresenta bebendo o leite diretamente de uma caixa (a nova embalagem de 1.000 ml apresentava prazo de validade de seis meses e somente exigia refrigeração depois de aberta) (Acervo da Biblioteca Pública do Paraná, 2023). Por outro lado, ao mesmo tempo, na imagem, observa-se a inovação da embalagem do produto, fomentada por meio da Cooperativa

¹⁶ Segundo o Serviço de Controle leiteiro, no relatório de produção leite e gordura de referência de outubro de 1991, no campo dos principais produtores patronais do Paraná: existiam 36 produtores, 2.155 animais controlados, produzindo o total kg de 47.838.000, sendo média diária por produtor de 1.328.842, em média por animal 22.199 (Biblioteca Pública do Paraná, 2023).

¹⁷ Nessas circunstâncias históricas, em relação com o governo federal, nota-se que o Brasil vivenciava a abertura econômica mediado pelo presidente Collor e Fernando Henrique Cardoso (meados dos anos 1990) que ampliaram a atuação das multinacionais, como o caso da indústria de embalagem de leite sueca, a *Tetra Pack*, em específico.

Central de Laticínios do Paraná Ltda – CCLPL (a Agropecuária Batavo e de Arapoti, juntas formaram a CCLPL).

Figura 3 – Imagem do lançamento do Leite Longa Vida Castrolanda em Castro (PR), em 1990



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Paraná, 2023. Nota: consultado presencialmente em 18 de dezembro de 2023.

Outro fato referente à gênese, ao funcionamento e à evolução do circuito espacial produtivo do leite é, por exemplo, a dimensão e o papel dos programas estaduais vinculados à dinâmica da produção de leite, como Panela Cheia (1993), Programa de Garantia da Produção da Agricultura Familiar – PGPAF (2006), Programa Leite Sudoeste (2015) e, principalmente, o Programa Leite das Crianças, acionado pelo momento do governo Roberto Requião de Mello e Silva em 2010¹⁸.

¹⁸ Por exemplo, no contexto da Nova República, em 2000, em âmbito do poder político, inicia-se pelo primeiro mandato do Jaime Lerner, do Partido Frente Liberal – PFL (01 de janeiro de 1999 – 01 de janeiro de 2003), até o atual governador Ratinho Júnior, do Partido Social Democrático (reeleito em 2022). Nesse período vigente, o estado do Paraná, por meio da Assembleia Legislativa do Paraná - ALEP, diante de ações dos (as) deputados (as), apresentou o total de 115 leis, durante o progresso e regresso no processo legislativo, as quais classificaram-se em 17 Projetos de Lei, 62 Decretos, 18 Indicações e 18 Requerimentos referentes à concretização do circuito produtivo de leite, entre os anos de 2000 até 2021 (Paraná, 2023).

Nesse sentido e significado, em suma, o espaço geográfico é uma categoria de análise social que se historiciza e se materializa na produção das paisagens, resultado do e no uso do território. Assim, produzem-se as paisagens, urbanas e rurais, mas indissociáveis entre si. Ademais, reflete-se que o espaço-tempo se une quando há *empiricização* do tempo, devido à dinâmica social fermentada da necessidade, do condicionamento da imposição de poder, da curiosidade, da escassez e da coragem do ser humano. Isso se manifesta na gênese e transformação do circuito espacial produtivo de leite gerado neste subespaço como um fato histórico.

Quando empregada a categoria de formação socioespacial (conforme a seção anterior) que se movimenta no interior dessa sociedade específica, precisa destacar que ela se expressa nas paisagens de imediato, manifestando-se como espaço geográfico indissociável, composto por um sistema de objetos, como as cooperativas, e um sistema de ações, como as políticas do governo paranaense em relação ao Estado nacional. No caso do sistema de ações, este último é operacionalizado pelo uso do território – a terra – historicamente, determinado, implicando fermentação dos conflitos das classes e identidades.

Considerações finais

O presente texto teve como objetivo desvendar a gênese e a formação do circuito espacial produtivo do leite no Sudoeste do Paraná. Neste sentido, no processo dialético da natureza dessa sociedade, analisa-se como o capitalismo comercial nasceu, impulsionado por combinações do movimento de migração e imigração de distintas culturas. A dinâmica da população foi transformando o meio de existência e, assim, pautando-se a partir das diferentes combinações de atividades econômicas e produtos agrícolas, como a erva-mate, a madeira, os grãos e, posteriormente, a pecuária de leite e corte.

Em breves resultados, apresentou-se correlação de diversas etnias/culturas em formação, desde a presença original de indígenas até a chegada massacrante da colonização, movimentado pelo capital mercantil. No período da dinâmica do capitalismo mercantil, o espaço geográfico era movido pela motivação do enriquecimento das colônias na história econômica, concentrado economicamente no ciclo da extração da madeira, por exemplo. Esse processo ocorria, principalmente, pela extração de matérias-

primas, ocupando, assim, esse espaço geográfico, em que essa lógica de apropriação gerou dicotomia que se sobrepõe ao espaço como lugar vivo e em movimento, o ser social.

Além disso, com o decorrer do tempo, no presente, o Sudoeste paranaense se tornou uma bacia leiteira de dinâmica nacional, que se amarra nas dispersas pequenas produções ditas familiares, bem como se concentra nos atualizados “empresários agrícolas” que, muitas vezes, nem vivem na unidade produtiva, utilizando-a apenas, ocasionalmente, para exploração da mão de obra de famílias ou arrendamentos das terras. Essas modificações e transformações ampliaram a produção de relação mercantil pelos pacotes tecnológicos dos anos 1990, mediada entre os governantes do Paraná e do Estado brasileiro.

Em última instância, dentre os múltiplos fatores da totalização da história, o fato de o Sudoeste paranaense ser dinâmico na produção de leite, frente a outras unidades federativas, condiciona-se ao papel central do Estado, arquitetado também nas instituições públicas e privadas para a concretização de um circuito espacial produtivo. Com isso, faz-se necessário, como possibilidade de estudo futuro: 1) analisar e compreender a fundo o papel do Estado na gênese, transformação e formação dessa produção – o leite –, sem perder de vista como os movimentos sociais se vinculam nessa luta para amenizar as desigualdades socioespaciais, sendo que o Estado centraliza as políticas para as elites regionais do leite.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento ao longo do mestrado.

Referências

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ. Leite Longa Vida Castrolanda, uma surpresa no aniversário. **Revista Batavo**, Curitiba, n. 2, p.32, 1990. Consultado em: 18 dez. 2023.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ. **Estudos Técnico-Econômico do Leite:** subsídios para uma Política no setor para o Estado do Paraná. Curitiba, Paraná, 1975. Consultado em: 18 dez. 2023.

BOGUSZEWSKI, José Humberto. **Uma história cultural da erva-mate**: o alimento e suas representações. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em:

http://www.historiadaalimentacao.ufpr.br/pesquisas/Projetos/Dissertacao_JHB.pdf.

Acesso em: 21 maio 2024.

CASTRO, Iná Elias de. O Problema da Escala. *In*: CASTRO, I.E.; GOMES, P.C.C.; CORRÊA, R.L. **Geografia**: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CAVALHEIRO, Aline da Rocha; ALMEIDA, Antonio Cavalcante; PERONDI, Miguel Ângelo. Onde está o índio Kaingang no Sudoeste do Paraná? **Ciências Sociais em Perspectiva**, Paraná, v. 17, n. 32, p. 25-41, 2018. Disponível em:

<https://erevista.unioeste.br/index.php/ccsaemperspectiva/article/download/13088/12847/72684#:~:text=Deste%20modo%2C%20pode%2Dse%20dizer,para%20o%20pr%C3%B3prio%20desenvolvimento%20Kaingang>. Acesso em: 19 maio 2023.

CORDEIRO, Sônia Valdete Aparecida Lima. A educação holandesa em Carambeí - Paraná. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, n. 21, p. 121 - 130, 2006.

Disponível em:

https://ri.uepg.br/riuepg/bitstream/handle/123456789/693/ARTIGO_Educa%C3%A7%C3%A3oHolandesaCarambei.pdf?sequence=1. Acesso em: 20 dez. 2021.

CORRÊA, Lucas Mariani. **A Brazil Railway Company (1904 – 1920)**. EUA: Assis, 2015.

CREMA, Everton Carlos. **Se ficar o trem me pega, se correr eu passo fome**: A ferrovia e a modernização no conflito do Contestado (1912-1916). Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em <https://hdl.handle.net/1884/26263>. Acesso em: 21 maio 2024.

ESPÍNDOLA, Carlos José. O legado de Milton Santos na minha trajetória acadêmica. **Ciência Geográfica**, Bauru, n.XXVI, v. XXVI, 2022. Disponível em:

https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXVI_2/agb_xxvi_2_web/agb_xxvi_2-06.pdf. Acesso em: 9 jun. 2023.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. 6. ed. São Paulo. Ática, 1992.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidade e região no Sudoeste do Paraná**. IBGE: RJ, 1969. Disponível em:

<https://www.rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/article/view/1475/1143>. Acesso em: 7 jun. 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas**. 1990. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_1.pdf. Acesso em: 7 jun. 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico – 2000**. 2022. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1378#resultado>. Acesso em: 2 jan. 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico – 2010**. 2022. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1378#resultado>. Acesso em: 2 jan. 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico – 2022**: população. 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/#>. Acesso em: 20 maio 2024.

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **O Paraná reinventado**: política e governo. 2. ed. Curitiba: IPARDES, 2006.

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Anuário Estatístico do Estado do Paraná**. 2021. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/anuario_2021/index.html. Acesso em: 1 jun. 2023.

MARTINS, José de Souza. A modernidade do “passado” no meio rural. *In*: BUAINAIN, A. M. *et al.* (ed.). **O mundo rural no Brasil do século 21**: a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília, DF: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa; Campinas: Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Instituto de Economia, 2014. p. 23-31. Disponível em: https://www3.eco.unicamp.br/nea/images/arquivos/O_%20MUNDO_RURAL_2014.pdf. Acesso em: 21 maio 2024.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Coleção: Textos Clássicos LusoSofia Direção: José Rosa & Artur Morão. Covilhã, 2008. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/marx_karl_para_a_critica_da_filosofia_do_direito_de_hegel.pdf. Acesso em: 27 dez. 2022.

MILLÉ FILHO, Samuel Zanello. **Sindileite Paraná**: 87 anos de História: na defesa dos interesses do setor leiteiro paranaense. Curitiba: Radial, 2019.

MONDARDO, Marcos Leandro. A dinâmica migratória do Paraná: o caso da região Sudoeste ao longo do século XX. **R Bras Est Pop.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 103-131, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-30982011000100006> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/p5XChZGVrbBVxMbRXWxSp8q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 jan. 2023.

NETTO, Fernando Franco. Sociedade com escravos no Paraná provincial. **Revista XIX**, [S.l.], v.1, p.51–67, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21291>. Acesso em: 20 maio 2024.

PADILHA, Alexandre.; TEXCA, Camile Ribeiro, CRUZ, Fábio Lucas. Alforriados e libertos no Paraná nas últimas décadas do século XIX. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.8, n.1, p. 5015-5031 jan. 2022. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv8n1-333> Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/download/42912/pdf/107409>. Acesso em: 21 maio 2024.

PARANÁ. Assembleia Legislativa do Paraná. **Regimento Interno**. 2023. Disponível em: <http://www.assembleia.pr.leg.br/legislacao/regimento-interno>. Acesso em: 19 dez. 2023.

PARANÁ. Acervo Público do Paraná. **Questões Sociais - Regularização Fundiária**. Curitiba, Paraná, 2024. Disponível em: <https://www.administracao.pr.gov.br/ArquivoPublico/Pagina/Questoes-Sociais-Regularizacao-Fundiaria>. Acesso em: 21 maio 2024.

PEGORARO, Éverly. **Dizeres em confronto: A Revolta dos Possesores de 1957 na Imprensa Paranaense**. Dissertação (Mestrado em História) – UFF Unicentro, Niterói – Rio de Janeiro, 2007, p. 170. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007_PEGORARO_Everly-S.pdf. Acesso em: 3 abr. 2023.

PRADO, João Fernando de Almeida. Jean-Baptiste Debret. **Brasiliana**, v. 352. São Paulo: Companhia Editora Nacional, EDUSP, 1973.

RIZZARDA, Angélica Dalla. Um olhar valioso sobre a terra: Sudoeste do Paraná 1930-1940. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v.20, n. 1, p. 94-101, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17058/agora.v20i1.11653> Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/download/11653/7182>. Acesso em: 7 jun. 2023.

SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 54, 1977.

SERENI, E. La categoria de formación económico-social. **Cuadernos de Passado y Presente**, Córdoba: Argentina, n. 39, 1976.

SILVA, Elianara Carvalho da. **A pecuária leiteira de São João – PR: um estudo das relações campo-indústria**. 2008. 130f. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Geografia/dissertacoes/5pecuaria_leiteira_sao_joao.pdf. Acesso em: 4 abr. 2023.

SILVA, Ingrid Gomes da. LIMA, Luiz Cruz. A indissociabilidade espaço-tempo como elemento de compreensão da ciência geográfica. **Geosul**, Florianópolis, v. 35, n. 76, p. 17-38, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2177-5230.2020v35n76p17> Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/67990/44377>. Acesso em: 27 abr. 2023.

VILELA, Duarte.; RESENDE, João Cesar de.; LEITE, J. Bellini Leite.; ALVES, E. Alves. A evolução do leite no Brasil em cinco décadas. **Revista de Política Agrícola**, [S.l.], v.26, n.1, p.36-56, 2017. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/163208/1/Evolucao-do-leite-no-brasil.pdf>. Acesso em: 21 maio 2024.

WASCHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. 9. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

Recebido em 21/05/2024. Aceito para publicação em 12/08/2024.